

# 1

## Introdução: a partida

Quando começamos com Pessoa, convencemo-nos depressa de que somos seus prisioneiros para sempre, que é inútil ler outros livros, que *tudo está ali*.

**Alain Badiou**  
(BADIOU, 2002, p.63)

O leitor esgueira-se, põe-se à beira do abismo para olhar além. Olhar por detrás das suas palavras. E o que há? Aquilo que finge e revela, o sublime e o estapafúrdio, o imensurável e o fascinante. O que nos aprisiona em suas teias *aracno-poéticas* é também o que nos liberta em suas nuvens de pensamentos. De que estamos a falar? Da palavra poética de Fernando Pessoa: arapuca para o *leitor-passarinho* que pousa nos seus poemas. Arapuca não no sentido da armadilha que engana e traz perigo para os que, incautamente, se aproximam dela, mas no de engenhosidade, maneira artificiosa e sedutora de prender. Segundo Carlinda Fragale Pate Nuñez (2003, p.9), “os gregos denominavam igualmente *mekhané* à arapuca para aprisionar passarinhos e à estrutura dos *Diálogos* platônicos, capazes de enredar os mais hábeis interlocutores”. Assim, os leitores que são atraídos pela poesia de Pessoa descobrem que dela é inútil tentar desprender-se.

Da perspectiva, inicialmente, de leitora apaixonada e enredada pela *mekhané* pessoana, surgiu a vontade de realizar um trabalho crítico acerca da sua poesia. No entanto, não é tarefa nada simples transformar a vontade em ação, principalmente, quando isto diz respeito a uma investigação desta poesia fascinante mas, ao mesmo tempo, corrosiva. Por isso, será necessário, além do desejo em si, o apuro do olhar e o labutar constante.

Notamos, contudo, que, em alguns momentos deste incessante exercício, é possível que a paixão cegue o espírito crítico e passemos a ser apenas os comandados dela. Pedimos, antecipadamente, a nossa absolvição pelos momentos de pura contemplação da poesia. Porém, ao invés de clamar pela nossa inocência, talvez fosse melhor desafiar a todos: atire a primeira pedra aquele que nunca se apaixonou pelo seu objeto de estudo. Sem dúvida, o que mais nos habilita a desafiar, neste caso, é a inegável consagração de Fernando Pessoa, considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, seja pela crítica ou pelo público.

Para realizar o percurso, procuramos algumas companhias para o trajeto. Boas companhias, por assim dizer, físgadas da fortuna crítica de Fernando Pessoa. Na nossa leitura, apoiamo-nos em diversos textos, alguns já consagrados e outros mais recentes, que vêm ao encontro da nossa pesquisa. As reflexões sobre os poemas serão realizadas em uma espécie de diálogo com outros comentadores. Mas, não só de estudos pessoanos é composto o nosso apoio, textos teóricos como os de Hugo Friedrich, de Charles Baudelaire, de Walter Benjamin e de George Battaille também estão incluídos na composição desta paisagem. Além disso, o próprio Fernando Pessoa nos propõe diversos caminhos investigativos em suas cartas e textos em prosa. É importante observar que a prosa epistolar tem um caráter provisório. Como afirma Marco Antonio de Moraes (1999), a correspondência é uma “obra fragmentária”, “inconclusa e lacunar por definição”, impedindo “quase sempre ao estudioso da literatura a afirmação irredutível sobre uma opinião emitida”, “porque a epistolografia só pode garantir a integridade do ato de escrita com suas intenções definidas e não a coerência do conjunto.” Mesmo levando em consideração este aspecto marcante do gênero, acreditamos que algumas considerações feitas por Pessoa em sua correspondência são fundamentais para a construção do nosso entendimento da sua obra. Por isso, cartas enviadas a Adolfo Casais Monteiro, Armando Côrtes-Rodrigues, Gaspar Simões e Luis de Montalvor adquirem bastante relevância no nosso estudo.

A questão da heteronímia, abordada extensivamente por Pessoa em carta enviada a Casais Monteiro, vem a ser um dos grandes fascínios da sua poesia. A crítica tem se esforçado por tentar compreender este poeta que é capaz de criar de maneiras tão diversas. Observemos o que ele próprio diz acerca destes poetas: “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida.” (PESSOA, 2004, p. 94). Nesta mesma carta, conhecida como “a gênese dos heterônimos”, conta o nascimento da sua “*coterie* inexistente” (2004, p. 96): diz que primeiro escreveu “trinta e tantos poemas a fio” aos quais atribuiu o título de “O Guardador de Rebanhos”, era o aparecimento do mestre Alberto Caeiro a quem tratou de descobrir discípulos, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, já que ele mesmo declarou-se também discípulo de Caeiro. Ricardo Reis foi arrancado do falso paganismo de Caeiro e em “derivação oposta” àquele surgiu

“impetuosamente” Álvaro de Campos. Segundo alguns pesquisadores, o “dia triunfal”, como Pessoa mesmo define, não passou de mais uma ficção criada pelo poeta, pois que se encontraram no Espólio os pedaços de folhas onde devem ter sido escritos pela primeira vez. Só depois é que Pessoa deve tê-los copiado juntos num mesmo manuscrito, em letra bastante legível, do qual a bela e correta primeira edição, com facsímile, apresentação e texto crítico, foi dada nas Publicações Quixote, em 1986, por Ivo Castro, coordenador da Equipa Pessoa. Mesmo reconhecendo a burla de Pessoa, o que importa é saber que primeiro surgiu o poema, depois o poeta. O que nos interessa saber para a dinâmica do nosso trabalho é que foram os poemas que deram origem aos heterônimos e não o contrário. Sendo assim, seguiremos os estudos de Cleonice Berardinelli e Eduardo Lourenço no que diz respeito a esta questão.

A criação poética precedeu a criação das personagens: Caeiro, Reis e Campos terão suas datas e locais de nascimento estabelecidas, assim como biografias próprias. No entanto, é importante reforçar que “a sua corporificação (se assim posso dizer) se faz nos versos que preexistem a eles como seres com biografia. Esta é feita a *posteriori*, e com detalhes que satisfazem às tendências lúdica e zombeteira de Pessoa.” (BERARDINELLI, 2004, p. 264).

Para nós, a paixão declarada pela poesia pessoana assume claramente uma feição: Álvaro de Campos. O poeta do “estar-entre” e do ser “quase”(Cf. **PAC**, p. 202, v. 11-12)<sup>1</sup>, aquele que se diz “reles”, “porco”, “vil”, “ridículo” e “absurdo” (Cf. **PAC**, p. 234, v. 3-7), o que tem “A vaga náusea, a doença incerta, de me sentir”, (**PAC**, p. 323, v. 15), nos arrebatava a cada linha.

Segundo a descrição de Pessoa (2004, p. 97-98), Álvaro de Campos nasceu em Tavira, a 15 de outubro de 1890, “teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval”. Seu tipo físico é “entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo”, alto, “magro e um pouco tendente a curvar-se”.

No que diz respeito à publicação da poesia de Fernando Pessoa, em 1913, Mário de Sá Carneiro já apontava para esta necessidade: “O que é preciso, meu

---

<sup>1</sup> Para as citações das poesias de Álvaro de Campos utiliza-se a edição: PESSOA, Fernando. Poemas de Álvaro de Campos. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, abreviada pela sigla **PAC**.

querido Fernando, é reunir, concluir os seus versos e publicá-los, não perdendo energias em longos artigos de crítica nem tão pouco escrevendo fragmentos admiráveis de obras admiráveis, mas nunca terminadas.” (SÁ-CARNEIRO, 1959, p. 63), contudo, o único volume publicado em vida pelo poeta foi **Mensagem**.

Pessoa declara em carta ao amigo Côrtes-Rodrigues que intentava publicar as poesias de Reis, Caeiro e Campos, porque na poesia deles havia “uma noção da gravidade e do mistério da Vida” (PESSOA, 2004, p. 55). Contudo, esta promessa não se cumpriu e, apenas postumamente, no início da década de quarenta do século XX chegaram às livrarias as primeiras edições das poesias heterônima e ortônima, dirigidas por João Gaspar Simões e Luís de Montalvor, e dois volumes de uma antologia organizada e prefaciada por Adolfo Casais Monteiro. Segundo Eduardo Lourenço, “a importância desta *Antologia* para a jovem geração dos começos dos anos 40 foi capital. Foi nas suas páginas que ela descobriu Pessoa e o seu interminável labirinto.” (1993, p. 25).

Porém, ainda havia muito a fazer e, ao longo de quase cinquenta anos, gastou-se muita tinta na tentativa de fixar e estabelecer o texto definitivo dos seus poemas. Foi em 1988, não por coincidência o ano do centenário de Fernando Pessoa, que a Secretaria de Estado da Cultura criou a Equipa Pessoa, coordenada pelo professor Ivo Castro, “com a finalidade de preparar e editar a obra pessoana, conservada, em sua quase totalidade, no Espólio III da Biblioteca Nacional.” (BERARDINELLI, 2004, p. 218)

No ano de 1990, foi publicada a Edição Crítica da poesia de Álvaro de Campos pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, cujo texto foi estabelecido por Cleonice Berardinelli, a partir de pesquisa realizada no Espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa. A professora e pesquisadora, integrante da Equipa Pessoa, enfrentou diversas dificuldades na fixação do texto, mas trouxe ao leitor já acostumado com os poemas da “tradição” Aguilhar muitos inéditos e outros com modificações significativas, por exemplo, “Passagem das Horas”. É importante frisar que “os inéditos não revelavam um novo Álvaro de Campos, confirmavam-no. Era como se algumas linhas meio esbatidas da poesia já lida por todos fossem reforçadas, ganhassem cor e relevo maiores.” (BERARDINELLI, 2004, p. 230)

No mesmo ano, 1990, Teresa Rita Lopes publicou **Álvaro de Campos: Vida e Obras do engenheiro** pela editora Estampa com “63 textos inéditos do heterônimo, cinquenta dos quais poéticos” (BERARDINELLI, 1999, p. XVIII) e

três anos mais tarde, em 1993, saiu o seu **Livro de versos** com vários outros poemas inéditos.

Cleonice Berardinelli lançou ainda um segundo olhar sobre os textos do engenheiro, cujo resultado foi a edição brasileira dos poemas publicada pela editora Nova Fronteira em 1999. Nas palavras da professora brasileira,

Estas diferenças de leitura não fazem senão comprovar a consabida dificuldade de decifrar certos manuscritos do poeta, o que nos deve predispor a reconhecer as nossas limitações e a acatar toda espécie de aprimoramento – alheio ou nosso – em sucessivas retomadas do texto. (1999, p. XX)

Sendo assim, na nossa pesquisa, privilegiaremos essa edição, que goza de uma acurada revisão, levando em conta, ainda, um trabalho comparativo com as edições de Teresa Rita Lopes.

O objetivo do nosso trabalho é, justamente, ler na poesia de Álvaro de Campos as marcas do *outrora* e do *agora* deixados na construção de um eu angustiado, cujo caminho é marcado pelo tédio, pela melancolia e pela frustração por aquilo que poderia ter sido e não foi. Para tanto, procedemos à análise de poemas tanto da primeira fase da sua poesia, o momento dos *-ismos*, das sensações; quanto da segunda, em que o poeta é tomado pelo desânimo para enfrentar a vida.

O que pretendemos na nossa dissertação é, a partir das configurações do *outrora* e do *agora* na poesia deste heterônimo, reconstituir os estilhaços do espelho no qual se olha um sujeito submetido às frustrações e angústias da modernidade. Um sujeito partido entre o “real por fora”, a vida prática e útil, o adulto do presente, e o “real por dentro” (Cf. **PAC**, p.151, v. 22-24), a vida sonhada da infância, o menino de outrora.

No sempre citado poema “Tabacaria”, Álvaro de Campos declara: “Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei / A caligrafia rápida destes versos, / **Pórtico partido para o Impossível.**” (**PAC**, p. 153, v. 80-82, grifo nosso). Se sabemos que o poeta é gerado a partir da sua criação poética entendemos que ambos, versos e poeta, são este pórtico estilhaçado, “partido para o Impossível”.